

OS JUDAS DEIXADOS NO ESCURO

VENDO CórNEA

Gerson Murilo Ávila da Cunha

Faculdade de Filosofia e Ciências
Humanas

CURSO DE FILOSOFIA

Os corpos apareciam pendurados nos postes. Com a manhã. Iam sendo percebidos aos poucos pelos rostos perplexos da cidade. De longe lembrava bonecos de pano, sem vida alguma. Feito se fossem pra malhação fora de época, os judas deixados no escuro. O pescoço quebrado, aqueles corpos assustavam. Pesavam o ar de medo. Alguns balançando um mínimo, girando sob o eixo da corda. Olhos arregalados.

Havia começado nas periferias da cidade. Pracinhas e esquinas. Ninguém tocava. Ficavam embaixo, os trabalhadores de saída, espiando. Murmurando opiniões. Meninos corriam por todo o bairro chamando colegas, espalhando recados de aviso. Zazoeira. A polícia anotava respostas em caderninhos. Rádios fanhavam. Fotos. Um movimento ia fluindo por toda manhã, e quando os corpos eram retirados o sol já estava querendo dar meio-dia.

Os enforcados se repetiam. E não pararam mais. Ao contrário, foram aparecendo também na avenida principal da cidade. Ao longo das calçadas. Ajuntando pessoas que não se demoravam, mas que sugeriam estarem sempre ali paradas. O amontoado não se esvaía, rodeando os corpos suspensos. Pés balançando. Veículos com marcha reduzida. Dos edifícios observava-se.

Depois, por muito tempo, ainda de manhãzinha podia-se ver os enforcados. Como frutos nos postes de iluminação. Ainda sob as luzes elétricas e os primeiros fogos do sol, os caminhões especiais se arrastavam. Recolhendo os corpos. Iam limpando o lugar.